

Editorial

Sobre guerra, arquivos e produção do conhecimento

O bom roteiro de um editorial, em minha opinião, exige uma boa apresentação do produto e sua imersão no contexto mais geral que expõe aspectos das condições que marcam a sua produção. Não é fácil e nem confortável, havendo riscos, a depender da conjuntura.

No mundo

A confecção desta edição da Revista foi realizada em um cenário similar ao de uma guerra, no Ano II da Pandemia da SARS-Covid 2. Excluindo-se a exorbitante subnotificação, já são mais de 300 mil vidas perdidas em um ano,¹ que se somam às milhares de vítimas da segregação social e da violência (de classe, de gênero e de raça, diga-se). São mortes anunciadas pelos esclarecidos, desprezadas pelos indiferentes, sentidas pelos mais diretamente afetados e negligenciadas por gestores que defendem uma espécie de eugenia social e que enxergam o pobre como custo econômico a ser eliminado de cálculos dos parques benefícios sociais. Especialistas afirmam que 75% dessas mortes seriam evitáveis, em um país com histórico exemplar de eficiência em vacinação multitudinal e com sistema de saúde público robusto, se medidas preventivas medianas tivessem sido adotadas. Há, sim, cálculo e racionalidade por detrás disso.

Na base, parte da sociedade se abriga nos seus lares, usando-os como “refúgios subterrâneos” em busca de proteção de “ataques aéreos”; parte está alistada no nosso “exército” sanitário no *front*, em defesa da saúde coletiva; parte substancial dos “essenciais trabalhadores”, exposta ao “inimigo” nos transportes públicos, nos mercados, nos campos e nas fábricas, para manter o sustento coletivo; e a parte mais expressiva da sociedade liberal protesta contra o direito à vida (dos outros).

No nosso mundinho

Nesse contexto, o já desprestigiado e invisível mundo dos arquivos parece confirmar prognóstico de crise já em curso e que se aprofunda com os efeitos da pandemia.²

O isolamento social (necessário) enfraquece as ações de manutenção dos acervos, aumentando os riscos de deterioração e perdas, ainda que em algumas instituições como o APESP, protocolos de atenção especial estejam sendo implementados de maneira emergencial. A forte crise econômica acaba se tornando álibi para “enxugamento” de técnicos em uma máquina que já vive na seca, os Arquivos Públicos; o processo de privatização e extinção de órgãos públicos gera mais acervos arquivísticos “órfãos” ou pressiona recolhimentos gigantescos nos arquivos permanentes, sem a contrapartida do reforço estrutural nas instituições arquivísticas.

Em sentido inverso, a relativa paralisação no tratamento técnico nos arquivos (conservação preventiva e corretiva, identificação, organização, descrição, acondicionamento, armazenamento etc.) aumenta o passivo de massa documental acumulada, tornando-o um legado gigantesco para as futuras gerações de profissionais dos arquivos. Some-se a isto os ainda insolúveis problemas crônicos resultantes do incremento dos arquivos digitais.

¹ São números oficiais referentes ao final do mês de março de 2021.

² Essa percepção aparece no meu artigo publicado no Boletim SAUSP.DOC, nº 3, abril-maio/2018. Disponível em: <https://sites.usp.br/arquivogeral/wp-content/uploads/sites/39/2018/04/2018n03-SAUSP.DOC.pdf>

Ou seja, trata-se de uma soma negativa que aponta horizonte sombrio para os mais variados usuários dos arquivos no futuro próximo, tanto aqueles que dependem do seu valor "primário", quanto os que usufruem do valor "secundário" e cultural desses documentos de arquivo. Ainda bem que contamos com valorosos militantes apaixonados pela causa dos arquivos que atuam como uma força contrarrestante a esse processo negativo. Eles existem. E aí estão.

O nosso último produto e a "matéria-prima" para o conhecimento

Chegamos ao décimo segundo número, ano VI deste periódico. No primeiro número prometíamos:

A Revista do Arquivo será instrumento de difusão do precioso e dinâmico acervo do APESP acumulado ao longo dos séculos de história custodial. Mais que isso, a Revista se propõe a difundir a política de gestão documental praticada de forma sistêmica e integrada, no âmbito do estado de São Paulo e também as atividades e conhecimentos produzidos pelos servidores da instituição.

Por outro lado, na chamada de artigos para esta edição que propunha a reflexão sobre o complexo fenômeno da produção do conhecimento e a formação profissional, destacando-se o papel das instituições arquivísticas nesse processo, postulamos:

Para nós, instiga-nos saber de que forma a produção teórica é assimilada ou apropriada nas mais diversas tipologias de instituições e serviços arquivísticos. Da mesma forma, no fazer técnico do cotidiano arquivístico, há tensões criativas para produção de novos conhecimentos que, em sentido inverso, são incorporados em estudos empíricos acadêmicos geradores de mais conhecimentos.

Destaco duas grandes ideias reveladoras da nossa linha editorial nessas duas passagens recuperadas: 1) a opção inequívoca da linha editorial por colocar a arquivística (ou como a enxergamos) como centro articulador das demais áreas do conhecimento, quando do enfoque aos objetos tratados no periódico; e 2) a importância dos arquivos na cadeia de produção do conhecimento da área.

Nesse sentido, podemos interrogar: que função cumpre um periódico de instituição arquivística na formação do conhecimento? A questão é pertinente, pois são as instituições acadêmicas aquelas talhadas para dar conta dessa finalidade e são elas a sustentar quase todos os periódicos científicos que fazem circular e estimular o pensamento crítico para formação na área.

Entretanto, os serviços de difusão das instituições arquivísticas mais robustas costumam manter atividades que extrapolam a divulgação dos seus produtos, publicações técnicas e visitas educativas. Muitas delas são tensionadas a proporem cursos de formação e capacitação, eventos informativos e educativos abertos ao público e a publicarem livros e periódicos que circulem debates de ideias e alguns poucos que também sustentam seções com artigos científicos.

Além do mais, as atividades laborais desenvolvidas nos arquivos possuem muita densidade de trabalho intelectual em diferentes especialidades, nas suas mais variadas áreas. Os arquivos mantêm informações orgânicas, estruturadas, originais, autênticas, registradas em variados suportes, que expressam e descrevem atividades de todas as áreas do conhecimento.

Essa "matéria-prima" dos ambientes arquivísticos é fértil para a realização de atividades criativas e fecundas, capaz de dar suporte à produção de conhecimentos técnicos aplicados e também conhecimentos com maior nível de abstração, em diálogo com as variadas áreas do pensamento.

Esse ambiente propício requer, no entanto, o elemento subjetivo com capacidade de reflexão crítica sobre as práticas exercidas no "chão" dos arquivos. E aí talvez se situe a maior debilidade das instituições arquivísticas, normalmente enxutas em termos de pessoal, com escassos recursos financeiros e com dinâmicas de trabalho exaustivas que impedem o exercício da reflexão crítica sobre o seu labor cotidiano.

Por isso, o esforço na complexa confecção da *Revista do Arquivo* serve para a ampliação da circulação de ideias em auxílio à produção e difusão de novos conhecimentos na área.

Index facilita acesso a muito conteúdo

Nessas doze edições da *Revista do Arquivo*, variados temas candentes da arquivologia e de áreas do conhecimento que com ela mantêm interfaces, foram tratados sob diferentes formatos expositivos: ensaios e artigos científicos; traduções, entrevistas, crônicas, poesias, vídeos, relatos, depoimentos e apresentações. Cada edição se constitui em verdadeiros livros com densas informações e ideias circuladas semestralmente.

A mudança da *Revista Histórica* (2005-2015) para a *Revista do Arquivo* (desde 2015) implicou estreitamento temático decorrente de uma espécie de "arquivismo" árido? Claro que não. O que mudou foi o enfoque da história que passou a dialogar mais com os conceitos e jargões específicos dessa importante ciência, ou disciplina, que é a Arquivologia.

Ao contrário, assim como ocorre com a história, é possível e fácil realizar o diálogo com todas as disciplinas do conhecimento, sob a perspectiva dos arquivos. Abram as páginas das edições publicadas nesses últimos cinco anos e meio de existência e confirmam a dimensão do arco temático circulado pelo periódico do Apesp.

Essa consulta sobre o conteúdo das revistas tornou-se facilitada com a publicação do índice geral de tudo o que se veiculou no nosso periódico, beneficiada pela adoção de ferramenta de busca eficiente. Confira, clicando no link a seguir: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/revista_do_arquivo/12/

Esperamos produzir editorial mais alentador na próxima edição. Cuidemo-nos.

Abril de 2021
Marcelo Chaves